

DEPOIMENTO PARA COMISSÃO DA VERDADE DA USP

ISAIAS RAW

Os sete pecados capitais

Pecado nº 1: Entrei para a Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) com a meta de me tornar um pesquisador. A partir do 2º ano me foi concedido pelo Prof. Jayme Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque, Professor da Cátedra de Química Physiologica, o acesso ao laboratório do Dr J. Veiga Sales que fora contemplado com uma bolsa nos Estados Unidos. Isso me permitiu atrair jovens estudantes que foram motivados pela pesquisa biomédica e até dar aulas (que pelo regulamento era privativo do Professor Catedrático). O número de estudantes foi aumentando, destacando-se Walter Colli e Ricardo Brentani (que chegaram a ser professores da FM) e uma série de linhas de pesquisa foram abertas que incluiu diabetes e ação da insulina, oxidação fosforilativa, papel do citocromo b₅, metabolismo do *T. cruzi* e papel do nucléolo. A Fundação Rockefeller foi a primeira a dar apoio por vários anos. Estas pesquisas resultaram em artigos em revistas internacionais como Science, Nature, J. Biol. Chemistry. Walter Colli e Ricardo Brentani, importantes cientistas, galgaram anos depois a posição de professores da FMUSP. Na primeira experiência de estabelecer um mecanismo rápido de troca de informações sobre uma área de pesquisa, o NIH escolheu fosforilação oxidativa e fui incluído num grupo de dez eminentes pesquisadores que trocavam informações sobre o andamento das suas pesquisas, antes que fossem publicadas. Um auxílio financeiro foi concedido pelo NIH. Na ausência de um Departamento de Genética, inconcebível para um curso médico, incorporei esta disciplina no nosso Departamento que viria a ser o Departamento de Bioquímica.

Pecado nº 2: O Professor Cavalcanti reunia mensalmente no Departamento de Bioquímica, um grupo de Professores da USP (lembro agora do Professor Noé de Azevedo) para tentar implantar em São Paulo os programas de educação da UNESCO, sob o nome de IBICC (Instituto Brasileiro de Ciência e Cultura). Levei ao Prof. Cavalcanti a proposta de criar um Clube de Ciências no espaço disponível no 4º andar, onde funcionou o pré-médico, para permitir a jovens realizar experimentos para aprender a tirar deles conclusões. A meta era motivar alunos para se tornar cientistas. Desta iniciativa limitada no número atendido surgiu a ideia de produzir equipamentos para laboratórios escolares e kits para que os alunos fizessem experiência em casa e levassem os resultados para as aulas. Dez alunos escolhidos por suas experiências foram levados à reunião anual da SBPC onde apresentavam seus resultados e buscavam orientação de cientistas que participavam do evento anual. Os kits eram produzidos na garagem da FM e mais tarde absorvidos pela Editora Abril que os colocou à venda em bancas de jornal. Dois milhões de kits OS CIENTISTAS foram produzidos, na época o maior programa fora das escolas, que chegou a

atrair a atenção da Open University inglesa. Recursos provenientes da Fundação Rockefeller foram aprovados por vários anos, seguidos de recursos ainda maiores da Fundação Ford. Muitos dos atuais cientistas e professores iniciaram suas carreiras com os kits. A iniciativa tomou tamanho vulto que levou à criação de uma Fundação (FUNBEC) que instalou suas fábricas na Cidade Universitária, produzindo kits, e onde os primeiros eletrocardiógrafos, desfibriladores e monitores para os Hospitais foram produzidos. Além disso, a FUNBEC participou intensamente, com a National Science Foundation (NSF), na inovação do ensino de ciências, em um programa que tinha por finalidade estimular a formação de mais cientistas nos Estados Unidos.

Pecado nº 3: Com a aposentadoria do Prof. J. Cavalcanti e com a desistência do Dr Névio Pimenta que era o primeiro assistente do Departamento, apresentei-me como candidato à cátedra. Com minha candidatura e anos de pesquisas e aulas no Departamento, não se apresentaram outros candidatos. Minha candidatura foi recusada por alguns dos professores que representavam a área mais conservadora, mas fui aprovado pela maioria como candidato por Professores altamente destacados da Faculdade. Com a instalação do regime de exceção e posse dos militares o então Reitor da USP Gama e Silva assumiu como Ministro da Justiça.

Eu morava no Alto de Pinheiros, então uma área desabitada, sem água, esgoto, ruas, calçadas e iluminação pública. As 23 h, quando voltava com minha esposa e filhos, de visita à minha sogra em fase final de câncer, fui preso por uma dúzia de carros da Polícia, com policiais armados e levado na área de carga para a chefia das forças armadas e transferido para o quartel onde permaneci preso atrás das grades, sem porta, exposto a baixa temperatura do inverno, alimentado por um prato e colher passado por debaixo da grade. Fui acusado de ser um perigoso líder comunista que reunia sua célula em Washington - onde ia para reuniões na Organização dos Estados Americanos (OEA) e NSF para discutir projetos de inovação do ensino de ciências - uma acusação tão ridícula apresentada como um slide na TV Record e em caricaturas na Folha.

O que não tinha sido previsto é que haveria um longo telegrama enviado ao Marechal Castelo Branco, assinado por vários prêmios Nobel, pedindo que eu fosse imediatamente libertado. Mais complicações para eles surgiram quando a UNESCO enviou seu Diretor de Ensino de Ciências para me visitar. Fui imediatamente transferido da jaula para o dormitório dos oficiais, onde recebi o Professor Baez. Em poucos dias mais fui liberado. Me tornei o caso mais evidente de abuso do poder de alguns “notáveis” professores da Faculdade de Medicina que usaram a ignorância de Coroneis escalados para eliminar os subversivos. Não sofri mais do que uma semana de reclusão e frio... e tive que ir à Congregação da FM (como professor substituto) defender-me e mostrar o paradoxo de ter que explicar para minhas filhas que eu não era um perigoso subversivo e quem estava errado foram os oficiais que me prenderam. Como compatibilizar, na educação infantil, que um pai pode ser honesto e a polícia e o

exército errados! Posso me orgulhar de pelo menos um Professor Alcântara Machado, sem me conhecer pessoalmente, que se levantou para protestar não apenas sobre a minha prisão, mas à Congregação estranhando que, naqueles tempos, havia a inversão da prova cabendo ao suspeito provar sua inocência.

Apesar de ter sido aprovado como candidato, foi levada à Congregação a proposta de protelar o concurso, até que eu provasse que não era comunista. A banca escolhida, não foi convocada. Finalmente, quando os membros da Banca, vindos de outras Universidades, chegaram, foram abordados no Hotel, por um professor da Faculdade de Medicina, para que aprovassem um judeu! Tive mais sorte que o Prof. Rocha e Silva, descobridor da bradicinina e merecedor de um prêmio Nobel, candidato à cátedra de farmacologia, que foi preterido pelo outro candidato, da casa e da família do seu antecessor, sem currículo.

Pecado nº 4: Um dia decidi que para ter uma massa crítica precisávamos integrar no Conjunto das Químicas todos os Departamentos de Bioquímica. Com apoio do Reitor Antonio Barros de Ulhoa Cintra e dos pesquisadores levamos para a Cidade Universitária o Departamento de Bioquímica da FM. Criamos de verdade uma parte importante da USP, que a FMUSP jamais aceitou. Ainda não entende o que é uma Universidade e perdeu as disciplinas básicas.

Pecado nº 5: É impossível inovar o ensino médico, sem inovar o conteúdo dos livros adotados. O estudante não deve passivamente devolver ao professor o que ele “ensinou” e que algum aluno necessitado transferiu para uma “apostila sem responsabilidade da cátedra”. Como Professor me cabia formalmente dar uma enormidade de aulas por ano, “preparadas” numa sala especial ligada a um anfiteatro privativo do Departamento! Rompi com a tradição, preparando um livro que permitia ao aluno estudar e tirar suas dúvidas com os assistentes cabendo ao Professor numa aula mensal comentar o avanço da ciência que ainda não chegou ao meu livro ou de outros autores. Deixar de recitar anualmente aulas defasadas, que até embutiam as anedotas que eram anualmente contadas, era um pecado mortal! Alguns tópicos eram ensinados em mais de um curso e a esperteza dos estudantes os orientou a jamais misturar o que cada professor recitou na frente do “quadro negro” com a de outro, sob pena de ser reprovados. Obviamente, além de meu interesse em pesquisa não em clínica, aboli essas aulas a partir do 2º ano, quando um candidato a professor apresentou uma total asneira que não deixei passar contestando-o na frente dos alunos.

Tendo criado livros, com meus assistentes, tanto para o curso médico como para o curso colegial ajudado por professores secundários de alto nível, alocados na FUNBEC pela Secretaria da Educação, houve a necessidade de uma editora. Com o apoio do Reitor Ulhoa Cintra - que introduziu na Faculdade de Medicina a prática de uma medicina baseada em evidências científicas e foi um dos mais eminentes Reitores da USP - fundamos a EDUSP.

Coube-me ainda assumir a Revista da FMUSP, onde cada professor dispunha de um número de páginas, sem o crivo de pares anônimos, transformando-se numa publicação sem prestígio, moeda de troca da biblioteca por outras revistas da mesma insignificância. Decidi pela extinção dessa revista - procedimento que repeti, como Diretor do Instituto Butantan, com os Anais do Instituto Butantan. Esta medida eliminou a chance do Professor inventar um currículo sem qualquer impacto real no campo, com publicações jamais lidas.

Pecado nº 6: O vestibular para selecionar alunos permitia a memorização e o treinamento eficazmente administrada pelos cursinhos, quando a família dispunha de recursos para pagar. Era preciso um exame de seleção que escolhesse os candidatos com maior potencial de serem bons profissionais, em curso mantido pela Sociedade. A multiplicação de faculdades, independente da baixa qualidade dos docentes e das instalações com acesso a hospital-escola, não poucas vezes selecionou inadequadamente. A possibilidade de “vazamentos” não podia ser controlada e, quando parte do vestibular incluía uma prova oral, havia a possibilidade de facilitação da admissão de estudantes da família de membros do corpo docente ou de “autoridades” que interferiam na avaliação. O critério do vestibular favorecia os cursinhos. A criação do vestibular unificado para faculdades de medicina criado pelo Prof. Leser e eu, introduzindo provas que exigem raciocínio e exames de laboratório com apoio da Funbec, revolucionaram o sistema que garantia que as vagas mais disputadas fossem dadas para aqueles com maior potencial para serem médicos de alto nível. Para isto criamos a Fundação Carlos Chagas, que teve mais uma vez o auxílio da Fundação Ford.

Pecado nº 7: A sucessão das disciplinas do curso médico apresentava contradições e as tornava irrelevantes para a formação do clínico. Isto me levou a propor a criação de um Curso Experimental de Medicina no campus da USP. Sem construir prédios e laboratórios para as disciplinas básicas, mas priorizar um hospital de ensino que atende uma população em área definida (não os casos interessantes), e um posto de saúde escola, que juntos permitem aos estudantes desde o primeiro ano ter contato com pacientes inclusive os que não necessitam de internação. Um curso foi improvisado, onde professores e assistentes da FMUSP planejavam a integração básica-clínica antes que fosse possível preparar os livros.

A consequência de tantas iniciativas públicas foi achar que eu era o cérebro que dominava um leque de atividades. Fui punido pelo AI-5 vedado meu acesso a atividades ou recursos públicos nas áreas de ensino de ciência e da medicina, ou de pesquisas biomédicas e o Curso Experimental de Medicina foi fechado. Imediatamente decidi sair do País, com a ajuda de um passaporte de serviço para as viagens relacionadas com pesquisa e ensino de ciências (sem direito a pagamento) e me foi oferecido pela UNESCO atuar na inovação do

ensino de Ciências em Israel. Por nove meses fiquei distante da família que organizou sua saída do País, mas depois de ano e meio decidi procurar outro emprego e fui contratado pelo Massachusetts Institute of Technology para o Centro de Ensino de Ciências onde permaneci por 5 anos desenvolvendo um projeto de ensino de ciências baseado na amostra de alimentos do estudante, adotado em vários Community Colleges. Fui convidado para um cargo no Departamento de Nutrição da Escola de Saúde Pública de Harvard, onde concluí um livro para curso médico que integra ensino básico com noções clínicas (Anemia, from molecules to medicine) que me levou a ser convidado pelo City College de New York para ajudar na formação de estudantes que queriam ser médicos generalistas.

Há um claro contraste entre meu interesse, não remunerado, pela coisa pública que, por ter razoável sucesso, exigiu minha punição usando o Exército treinado basicamente para obedecer sem questionar versus a minha tendência inquieta de sempre buscar uma iniciativa de interesse do País e da população. Como me disse um Secretário da FM nos anos 40, quando me surpreendeu entrando na Faculdade de Medicina num domingo: *“é proibido trabalhar para o Governo sem salário”* ou um Professor da mesma Faculdade que disse: *“afinal, por que a Fundação Rockefeller nunca me ofereceu recursos se eu não sou comunista?”* e disse mais *“nós o (a mim Isaías) mandamos embora e ele vai para Universidades melhores!”*. São palavras que jamais esqueci e mostra as dificuldades que este País interpõe à iniciativa, à inovação e à experimentação, para proteger a mediocridade (auto-proteção), impedindo o progresso. Vive-se em dois mundos diferentes e me parece impossível um país não preparar políticos, militares e uma elite intelectual que aceite inovação e progresso. O lado conservador e o medo de inovar é usado para servir a interesses próprios e aprofunda o nosso sub desenvolvimento. Ao contrário de outros colegas não fui submetido à tortura, mas à pressão continua de, como subversivo, não admitir aceitar o *status quo*. Voltei acreditando no Brasil, País do Futuro (cujo autor, na ditadura anterior, foi levado ao suicídio) mas continuamos a ter que enfrentar os que acham ser donos do País. Em 1952, quando era bolsista em Nova York, o Presidente da Merck apareceu na capa do Times afirmando *“Medicine is for people not for profit”*. Foi banido da empresa, como serei mais uma vez por ter uma fantasia de trabalhar pelas necessidades sociais.